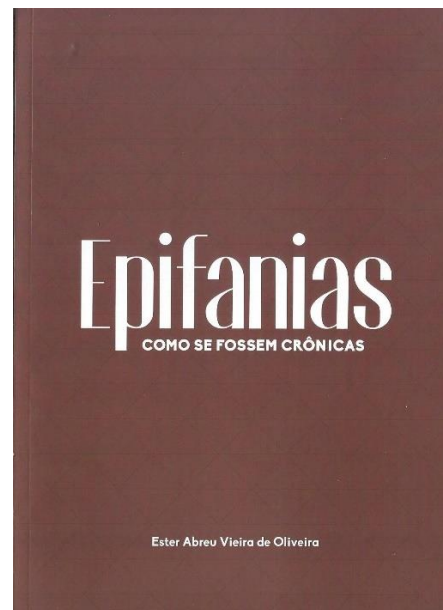


OLIVEIRA, Ester Abreu de. *Epifanias:
como se fossem crônicas.*
Vitória: Formar, 2020.

Josina (Jô) Nunes Drumond*



Ester Abreu Vieira de Oliveira é um exemplo de dedicação aos livros, à Literatura e ao magistério. Foi professora de “meio-mundo” no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras da

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ufes, onde ainda leciona como voluntária, após a aposentadoria, ministrando aulas para os cursos de Mestrado e Doutorado.

Sua atuação no universo cultural capixaba é ímpar. Ela se faz presente em praticamente todos os eventos literários e participa efetivamente de diversas instituições culturais (AEL, AFESL, APEES, AIH, ABH, IHGES entre outras). Atualmente é Presidente da Academia Espírito-santense de Letras e Vice-Presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

É impossível resumir em poucas linhas um currículo quilométrico. Atendo-me apenas às pós-graduações *stricto sensu*: Mestrado em Língua Portuguesa (PUC-SP), doutorado em Letras Neolatinas (UFRJ) e Pós-doutorado em Filologia Espanhola (UNED-Madri).

Ester tem cerca de cinquenta publicações em livros, incluindo algumas antologias por ela organizadas. Eclética e dedicada aos estudos, a intelectual capixaba tem obras diversificadas que perpassam gêneros e subgêneros literários: ensaios, poemas, crônicas, contos, livros infantis, artigos, e uma infinidade de textos acadêmicos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais.

Em seu livro *Epifanias: como se fossem crônicas*, ela segue um interessante percurso, em três etapas. Parte do poder da palavra, como introdução, percorre diversas trilhas literárias, por sedução, e aporta em Muqui, sua paixão de longa data. O torrão natal é aqui contemplado com dez crônicas repletas de “relembraamentos” de infância, pincelados com nostalgia dos velhos tempos.

Esta obra contém textos reflexivos, informativos, alguns “quase-ensaios” (como diz ela), estudos e crônicas. O ecletismo da autora deságua na diluição de fronteiras literárias, próprias dos tempos pós-modernos.

Do ponto de vista filosófico, epifania significa uma sensação profunda de realização, no sentido de compreender a essência das coisas. Sendo

pesquisadora de primeira linha, Ester está sempre em busca da essência das coisas e da ampliação de conhecimentos.

Na primeira parte deste livro, intitulada “O poder da palavra”, descortina-se uma visão panorâmica da Literatura desde a Escolástica medieval, passando pelos grilhões normativos aos longos dos séculos até o desaguamento da diluição de fronteiras literárias da contemporaneidade. Focaliza-se também a Literatura Fantástica, que sempre despertou fascínio e temor em todos os tempos e espaços. A professora inclui nessa parte um texto magistral sobre o soneto, no qual ela aborda as origens, a perenidade, a rigidez da forma fixa, seus encontros e desencontros (adeptos, críticos mordazes e interferências), passa por diversos sonetistas estrangeiros, nacionais e fecha sua apresentação com dois poetas capixabas: Beatriz Monjardim e Athayr Cagnin.

A segunda parte, “Entre os livros e a vida” tem temática variada e a marca do labor da autora como professora de Literatura. Trata-se de estudos, pesquisas, crônicas, textos e autores com os quais trabalhou em sua vida profissional.

Na terceira parte, “Recordações telúricas”, por meio de crônicas, ela tece reminiscências de sua infância em Muqui, cidade “onde o verde toca o azul” e registra poéticos retratos da infância e dos familiares.

Ester abre o livro em grande estilo, com reflexões sobre o poder e a subversão da ordem. Começa focalizando o conceito de superioridade que nós, ocidentais, herdamos da Escolástica medieval. Faz uma abordagem panorâmica desse conceito, começando no século XV, quando o classicismo perde espaço para o racionalismo cartesiano, passa pela rigidez das formas poéticas, da dramaturgia e da religião no século XVI e faz um contraponto com os conceitos da contemporaneidade, citando o respaldo de Nietzsche, de Foucault e de Deleuze, quanto às relações de poder na sociedade. Aborda as fórmulas gerais de dominação dos séculos XVII e XVIII e termina focalizando a emancipação contemporânea do escritor, ao se desprender dos “grilhões normativos”. Na pós-

modernidade o escritor constrói formas híbridas, dilui fronteiras, subverte as convenções ficcionais, mas, paradoxalmente, cria um novo tipo de poder.

No texto "O sobrenatural nas artes e na vida" Ester aborda um tema muito recorrente na Idade Média europeia: superstições, feitiçarias, aparições e agouros. Essas crenças continuaram a subsistir ao longo dos séculos e despertaram a mais forte emoção do ser humano: o medo. Com baladas, canções, romances e lendas, em prosa e verso, o homem questiona o sobrenatural, na literatura oral ou escrita, em todas as épocas e países. Nesses textos encontram-se mistérios sobrenaturais, fenômenos que não podem ser explicados.

O texto "Dos encontros e desencontros dos sonetos" é uma verdadeira aula, na qual a professora parte da origem dessa forma literária, passa pelo conhecimento das regras estritas e bastante rígidas, pelas possibilidades de variações e demonstra a utilização dessa forma poética mundo afora, ao longo dos séculos. Mostra também a rebeldia dos tempos modernos contra regras imutáveis e severas do soneto clássico, a crítica mordaz, assim como interferências no ritmo, na métrica e na temática. Como não podia deixar de constar, há também uma mostra panorâmica dos grandes sonetistas internacionais, nacionais e capixabas.

Na crônica "Letras transformam a vida" a autora rememora sua iniciação literária, na infância. Seu pai, exímio declamador, passava-lhe poemas curtos a serem memorizados e declamados em reuniões sociais. Após a alfabetização passou a ler o que lhe caía nas mãos. Como não havia livraria em sua cidade natal, além dos livros da biblioteca da igreja do Muqui, lia também, na juventude, livros proibidos para sua idade, apanhados sorrateiramente na biblioteca do pai. A autora registra sua formação literária, desde os livros de M. Dely (biblioteca das moças) até sua vida adulta de literata e apresenta um leque de boas leituras, que servem de roteiro para jovens iniciantes. Em viagens imaginárias, a partir de leituras, leva consigo o leitor, que embarca prazerosamente na narrativa.

No texto “Como o sol de verão entrando no mar” Ester começa abordando a teoria da recepção e a relação autor/leitor. Focaliza tanto o poder da leitura, quanto o poder da escrita e se envereda pelo desejo milenar do homem, que há mais de 17 milênios fazia figuras rupestres, no afã de se comunicar com a posteridade. Menciona os primeiros povos a dominarem a escrita, as primeiras publicações e o advento da imprensa. Ao fazer reflexões sobre o ato de ler e de escrever, a autora demonstra grande erudição e muito conhecimento do terreno que está percorrendo. Recorre a teóricos e pensadores, que se manifestaram sobre o assunto: Barthes, Azorín, Unamuno, Huidobro, Clarice Lispector, Jorge Luís Borges e Manguel.

“Trovas e cancionero capixaba” é um excelente ensaio sobre a trova. Aborda sua origem, no cancionero popular do Sul da França e seu desabrochar em Portugal e Espanha, no século XIII. Focaliza a importância dessa manifestação popular, suas regras de composição e sua dificuldade, escondida atrás da aparente simplicidade e espontaneidade. Aborda também a abrangência da trova no Brasil, onde há cerca de três mil trovadores registrados, desde sua valorização ocorrida em 1950, assim como o movimento de trovadores do ES.

Na terceira parte, “Recordações telúricas” Ester menciona um pouco da história da cidade de Muqui, mostra aspectos consuetudinário de sua juventude, relembra os fabulosos causos do avô Cornélio, as brincadeiras infantis usuais, as histórias de boiadas contadas por tio Heitor, as narrações assombrosas do vizinho Nino Lugon, os sabores do pomar, a passagem do trem das dez, o silêncio do colégio interno...

Logo no início, antes de incursionar pelas intrincadas trilhas da memória lacunar, ela se justifica junto aos leitores: “se minha memória falseia, devido ao afastamento temporal em que o real existiu, desculpem-me”. Cita também uma frase de Borges, com o mesmo teor: “nossa mente é porosa para o esquecimento [...] sob a trágica erosão dos anos”.

Ao relatar o incêndio no trem, em Muqui, ela tece reflexões sobre a utilidade e o perigo do fogo. Em seguida, parte da lenda do mito grego Prometeu, que roubou o fogo de Héstia e por isso foi eternamente castigado, mencionou incêndios que marcaram a memória da humanidade como o de Roma, provocado por Nero, o da biblioteca de Alexandria, a queima de livros em Praça Pública, na Alemanha Nazista, a destruição causada por chamas vorazes no museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e termina com o incêndio que recentemente abalou a todos: o da Catedral de Notre Dame, em Paris.

Ester fecha sua obra poeticamente com três 3 poemas: "Ecos", contendo flashes de tempos idos, "Casa paterna", no ela qual condensa o conteúdo de suas crônicas referentes a Muqui, e "Balada ao solar dos Rambalducci", com reminiscências do casarão abandonado onde fazia incursões fantasiosas, juntamente com outras crianças, para descobrir seus mistérios, para criar um mundo onírico, com castelos habitados por príncipes, num cenário pintado pela fantasia infantil. Mostra flashes de um tempo sem volta, impregnado de reminiscências e de poeticidade. Com iscas de nostalgia e anzóis vergados de saudade, a autora pesca retalhos da vida nos abismos da memória.

Recebida em: 6 de março de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.